

LITERATURA REGIONAL POPULAR

VARIAÇÃO REGIONAL/POPULAR NA OBRA DE LEONARDO MOTA: ASPECTOS LÉXICOS

Maria Silvana Militão de Alencar
Universidade Federal do Ceará

Considerações Iniciais

A presente comunicação tem como objetivo descrever e analisar aspectos semântico-lexicais das lexias complexas e textuais na obra *Adagiário brasileiro* de Leonardo Mota. No Estado do Ceará, autores de literatura popular de renome nacional, como Manoel de Oliveira Paiva, Catulo da Paixão Cearense, Patativa do Assaré, Leonardo Mota, dentre outros, retratam a linguagem do nosso estado, bem como nossos costumes e tradições.

Esta pesquisa justifica-se por revelar, através do léxico, aspectos da vida cotidiana do sertão nordestino, bem como os valores sócio-histórico-culturais da realidade local. O léxico é o aspecto da linguagem que melhor define a variação, quer seja social, regional ou estilística. É no Léxico que essas variações assumem seu caráter diatópico, diastrático e diafásico.

O Autor: vida/obra

Leonardo Mota, **Leota**, era assim que gostava de ser chamado, nasceu em Pedra Branca, no dia 10 de maio de 1891 e faleceu em Fortaleza, no dia 02 de janeiro de 1948. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará em 1916. Foi membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, escritor, professor, advogado, promotor de justiça, secretário do governo, tabelião, jornalista e historiador. Proferia palestras para estudiosos e interessados folcloristas. Era um animador de rodas de amigos e intelectuais da Praça do Ferreira. Intitulava-se o “último boêmio do Ceará”, pelo seu modo de ser, seu gênio alegre e sua capacidade de interpretar o sertanejo.

Adagiário Brasileiro, como o próprio nome indica, é uma coletânea de adágios. Permaneceu nas mãos de Leonardo Mota durante 13 anos. Por ocasião de sua morte, o livro desapareceu, misteriosamente, e jamais foi recuperado, o que seria a obra principal do escritor no campo do folclore. Reunindo notas manuscritas, apontamentos, rascunhos, publicações na imprensa e capítulos finais de seus livros, seus filhos, Moacir e Orlando, fizeram um

apanhado do que seria o livro integral, reconstituindo-o em pelo menos 80%, um grandioso projeto de paremiologia comparada, envolvendo as línguas latinas. O legado de Leota é tão rico que assim recomenda Cascudo (1999) a Orlando Mota: “Não mexe em nada do que o teu pai escreveu. Orlando, Orlando... O que o Leota fez está feito e é sagrado”.

Folclorista dos maiores que já se teve, Leonardo Mota desempenha papel importante na literatura folclórica brasileira. Defensor tenaz do sertão sofrido ressaltou a linguagem simples do homem do campo. Tendo dedicado sua vida à pesquisa, cruzou o Brasil do Oiapoque ao Chuí, viajou pelo sertão, observando e anotando as manifestações populares, enaltecendo a inteligência e a vivacidade de espírito da gentehumilde do sertão. Em sua pesquisa sobre a paremiologia nacional, selecionou adágios que foram comparados com cerca de 5.000 adágios estrangeiros. A seguir, o acervo literário de Leonardo Mota, o príncipe dos folcloristas brasileiros:

- Cantadores* (1921): poesia e linguagem do sertão cearense;
- Violeiros do Norte* (1925): poesia e linguagem do sertão nordestino. Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, o que garantiu a Mota o título de *Embaixador do Sertão*;
- Sertão Alegre* (1928): poesia e linguagem do sertão nordestino;
- No Tempo de Lampião* (1930): história de cangaceiros, anedotário e notas sobre poesia e linguagem populares;
- Prosa Vadia* (1932): palestras lítero-humoristas;
- Cabeças-Chatas* (1939/1993): Casa do Ceará em Brasília, perfil de alguns cearenses notáveis;
- Padaria Espiritual* (1938/1939): história de um movimento literário no Ceará, 1892/1898;
- Adagiário Brasileiro* (1991): coletânea de adágios e expressões proverbiais do Brasil, estudos de paremiologia comparada. Existe, sim, uma peremiologia tipicamente brasileira, há um adagiário nacional riquíssimo, faltando apenas quem o estude e divulgue a filosofia popular.

Pressupostos teóricos

A língua, pela própria dinamicidade, está sempre sofrendo alterações, que podem ser condicionadas por fatores históricos, socioculturais e geográficos. E o léxico, tão rico e tão dinâmico quanto a língua, é o conjunto das palavras de uma língua, as lexias. Desse modo,

nas investigações sobre questões lexicais de um determinado grupo, não se pode prescindir de levar em consideração a influência desses fatores, uma vez que é o nível que mais incorpora e traduz estas alterações.

O léxico, segundo Biderman (2001, p. 179), representa “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através do tempo”. O estudo do léxico é objeto de investigação científica de áreas de conhecimento distintas, as ciências do léxico – Lexicologia (estudo científico do processo de funcionamento do sistema lexical de uma língua), Lexicografia (seu estudo nas obras de referências: dicionários, vocabulários, glossários) e Terminologia (estudo de termos técnicos de áreas de especialidade).

O grande problema de se estudar o léxico advém do fato de se tratar de uma porta aberta para a língua, quer modificando ou criando novos termos, segundo as necessidades sócio-histórico-culturais dos seus falantes, uma vez que reflete essas influências no modo de nomear a realidade que os cerca. Segundo Biderman (2001, p. 13), “foi o processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais”, perpetuando valores, crenças e costumes de uma comunidade social.

Outra área de pesquisa que se volta para as diferenças dialetais ou regionais de uma língua, notadamente no léxico, é a Dialetoлогия. As diferenças dialetais, marcadas geograficamente são estudadas pela Dialetoлогия e pela Geografia Linguística, método da Dialetoлогия que se refere “[...] à representação de dialetos, em mapas, que constituem os Atlas linguísticos” (RECTOR, 1975, p. 24).

Os estudos dialetais sem deixar de lado o parâmetro diatópico (regional, espacial), abrem espaço para a inclusão de outros parâmetros, tais como: o diastrático (estudo das classes sociais), o diagenérico (estudo das ocorrências no sexo masculino e feminino) e o diageracional (que reproduz a convivência das gerações). As tendências atuais conduzem a evolução da Dialetoлогия tradicional, essencialmente diatópica (Geolinguística), para uma Dialetoлогия pluridimensional que incorpora a verticalidade.

Inúmeras são as contribuições dessa nova dimensão nos estudos dialetais, especialmente, nos que se desenvolvem sob a metodologia Geolinguística. O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, por exemplo, trabalha, conjuntamente os três parâmetros: o diagenérico, o diageracional e o grau de escolaridade.

Há muito tempo, dialetólogos brasileiros, como Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, dentre outros, vêm estudando as particularidades regionais da língua, as mudanças ocorridas no decorrer da sua história, com vistas a buscarem a identidade linguística de cada região brasileira.

Não resta dúvida que, no Brasil, houve um grande impulso nas pesquisas, principalmente, no âmbito da Universidade, com o surgimento de novos cursos de Pós-Graduação, mas dado o gigantesco acervo cultural de o que o povo brasileiro é possuidor, tais estudos ainda não satisfazem totalmente.

No Ceará, por exemplo, há uma grande quantidade bastante significativa de trabalhos que podem contribuir para o estudo e descrição do falar cearense, necessitando alguns, apenas de um tratamento especializado, e a grande maioria, de divulgação.

Dentre os pesquisadores cearenses, cita-se Martinz de Aguiar, como pioneiro, cujo trabalho publicado em 1922, sem contar com a tecnologia de que se dispõe atualmente, nos impressiona pelos resultados apresentados. A seguir, vem Florival Seraine, com uma vasta publicação tanto no campo do folclore como no da linguagem. Mencionam-se, também, Leonardo Mota, Antônio Sales, Tomé Cabral, Raimundo Girão, dentre outros. Listam-se, a seguir, algumas pesquisas dialetais realizadas no Ceará:

No *folclore cearense* há um número significativo de livros e artigos. Dentre eles: *Lendas e canções populares*, de Juvenal Galeno; *Cirandas Infantis*, de Martinz de Aguiar; *Cantigas de Fortaleza e arredores*, de Manoel Albano; *Reisado no interior cearense*, de Florival Seraine.

Na *literatura popular*, destacam-se: *Cantadores, Violeiros do Norte*, de Leonardo Mota; *Cantador, musa e viola*, de Eduardo Campos. Como ensaios e estudos, o trabalho de Martinz de Aguiar, *Fonética do português do Ceará*, parte do livro *Repasse crítico da gramática portuguesa* (1922), desperta grande interesse entre os pesquisadores nos dias atuais. Antônio Sales, com *Notas de Linguagem* (1924) e *O falar cearense* (1927).

Quanto aos *vocabulários e dicionários populares*, os mais conhecidos são: *Vocabulário popular cearense*, de Raimundo Girão (1967/2000); *Dicionário de termos populares*, de Florival Seraine (1959/1960); *Novo dicionário de termos e expressões populares*, de Tomé Cabral (1972). O dicionário de Tomé Cabral é o mais volumoso, contendo cerca de 15.000 verbetes coligidos por ele mesmo. Fora estes, há o dicionário específico, *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará*, de Eurípedes Chaves Júnior

(1985). Seraine, porém, foi quem mais se destacou nas pesquisas diatópicas e diastráticas, chegando mesmo a publicar o artigo *Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri*, em explorou, também, o critério etário (diageracional).

Metodologia

A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, cuja análise apoia-se, essencialmente, na obra em estudo. Os itens lexicais estudados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo e como cada região elabora lexicalmente esse universo.

Constituição do corpus

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionadas 70 lexias, entre simples e complexas, registradas por Leonardo Mota no seu livro *Adagiário Brasileiro*, referentes a aspectos lexicais da linguagem regional/popular. Com base nessa seleção foi elaborado um questionário que foi aplicado a 16 informantes (8 do sexo masculino e 8 do sexo feminino), distribuídos, igualmente, em duas faixas etárias (faixa etária I, de 18 a 30 anos; faixa etária II, de 45 a 65 anos) e em dois níveis de escolaridade (Fundamental e Superior).

Com o objetivo de analisar e descrever unidades lexicais que nomeiam as expressões foi realizado, inicialmente, o levantamento das diferentes maneiras de falar do sertanejo, enfocando os campos semânticos: *amor, marido, mulher, homem, antes e hoje*. Assim, o corpus do trabalho constitui-se não apenas das lexias que constituem os campos semânticos, mas na totalidade de dados recolhidos com a aplicação de um questionário, contendo expressões registradas pelo autor e perguntas sobre o conhecimento/o uso e o não conhecimento das mesmas. A seguir, apresentam-se os campos semânticos selecionados e, em alguns, o correspondente em outros idiomas:

Amor:

- Amor com amor se paga. *L'amourne se paye que d'amour;*
- Amor de parente é mais quente;
- Amor e bexiga só dá na gente uma vez;
- Amor e reino não quer parceiro;
- Amor e senhoria não quer companhia;
- Amor é vento – vai um, vem cento;

- Amor faz muito, mas dinheiro faz tudo;
- Amor novo trata-se a ovos batidos;
- Amor primeiro não tem companheiro.

Marido:

- Marido e caju, o melhor tem pigarro;
- Marido enfeitado, mulher pra um lado;
- Marido, ou nunca o ter, ou nunca o perder;
- Marido velho e mulher nova, ou corno ou cova.

Mulher:

- Mulher andeja fala de todos, e todos dela;
- Mulher, arma e cavalo de andar, nada de emprestar. *Il nefautprêternisonépée, nisonchien, nisafemme;*
- Mulher Barbuda, Deus nos acuda;
- Mulher bem casada não tem sogra, nem cunhada;
- Mulher bos é prata que soa;
- Mulher bonita e homem valentão têm muita extração;
- Mulher, cachaça e bolacha, em toda parte se acha;
- Mulher calada é pior que boi sonso;
- Mulher, cavalo e cachorro de caça, se escolhe pela raça;
- Mulher chorosa, mulher fogosa;
- Mulher de bigode nem o diabo pode;
- Mulher de cabelo na venta, nem o diabo aguenta;
- Mulher é como espelho: pra se sujar basta o bafo;
- Mulher tagarela fala de todos, todos falam dela.

Homem:

- Homem pequeno só serve pra apanhar ponta de cigarro;
- Homem pequeno só serve pra escorar carga e tapar chocalho;
- Homem que faz gosto a macho é barbeiro;
- Homem honrado, antes morto que injuriado;
- Homem se casa quando quer, mulher se casa quando Deus é servido.

Antes:

- Antes a lã se perca, que a ovelha. *Mieux vaut perdre la laine que le brebis;*
- Antes cautela que arrependimento;
- Antes de entrar, pensar na saída. *Avant d'entrer, songez à la sortie;*
- Antes tarde do que nunca. *Plutôt tard que jamais. Better late than never;*
- Antes só do que mal acompanhado. *Antes solo que mal acompañado.*

Hoje:

- Hoje em dia, até santo precisa ser da moda;
- Hoje em dia, o dono do cavalo anda na garupa;
- Hoje em dia, quem menos corre é quem mais caminha;
- Hoje rico é festejado, amanhã pobre e desprezado.

Análise de dados

O livro em estudo divide-se em 4 partes. O *corpus* para análise foi retirado da parte II, composta pelos capítulos finais dos 4 primeiros livros: Elucidário, do livro *Cantadores*; 2 Modismo e Adagiário, do livro *Violeiros do Norte*; 3 Linguagem Popular, do livro *Sertão Alegre*; 4 Filosofia Popular; 5 Silva de Ditados; 6 Apelidos Sertanejos e 7 Comparações Matutas, do livro *No tempo de Lampião*.

Para este trabalho, foram aplicados questionários a 16 informantes da capital cearense. Foram levantados 1.120 dados nos quais observou-se uma preferência por parte dos informantes pelo uso da forma de maior ocorrência na sua comunidade. Inicialmente, é preciso considerar que alguns informantes forneceram mais de uma designação como resposta.

Os dados selecionados para a análise foram organizados de maneira a permitir observar o aspecto diacrônico no discurso dos falantes, considerando-se a perspectiva do léxico na sua relação com a história social das línguas.

No Quadro 1, apresentam-se as expressões registradas por Leonardo Mota e as variantes registradas pelos informantes. Pode-se observar que algumas lexias apresentam variantes quanto ao uso, dependendo da faixa etária, gênero ou grau de escolaridade. Outras apresentam significado diferente, e há ainda aquelas com preferência pelas formas inovadoras, principalmente, entre os mais jovens.

Quadro 1 – Expressões registradas por Leonardo Mota e variantes registradas pelos informantes

Expressões registradas por Leonardo Mota	Variante registradas pelos informantes
1. Elucidário – do livro <i>Cantadores</i> (1921)	
Aboticado – tornado saliente. Diz-se especialmente do globo ocular. Olho aboticado.	Olhos esbugalhados.
Batoré ou baé – baixo.	Tronco de amarrar onça; Vara de tirar jerimum. Tamborete de forró. Entroncado.
Brochote – rapazola, pessoa sem importância.	Rapaz novo.
Bundacanasca – b rincadeira infantil que consiste em apoiar a cabeça na areia ou relva e virar o corpo, em seguida; cambalhota.	Bundacanastra; Bundacanasta.
Lundu – amuo.	Lundum; Banzo. Calundu. Duas caras.
Malino – vadio. Diz-se das crianças.	Buliçoso; Danado; Capetinha; Traquino
Perequeté – faceiro, pedante.	Emperiquitado. Espilicute.
Pilôra – o mesmo que passamento.	Troço; síncope.
2. Modismo e Adagiário – do livro <i>Violeiros do Norte</i> (1925)	
A cavalo dado não se abre a boca – não se analisam dádivas com o intuito de descobrir defeitos.	A cavalo dado não se olha os dentes.
Andar com a pulga atrás da orelha – suspeitar de algo.	Cabreiro; Cismado
Catrevenge – grande quantidade.	Fuleragem; Trambolho; Entulho. Cacareco.
Ceroto – sujidade.	Cascão; Grude.
Estar tinindo – estar repleto.	Limpo; Perfeito; Estar no ponto; Ligadaço. Ponta de agulha.
Gaitada – risada.	Gargalhada
Quando você ia pros cajus, eu já vinha das castanhas – eu o antecedi.	Quando você ia com a farinha, eu voltava com o bolo. Quando você ia com o fubá, eu já voltava com o angu. Quando você ia com o milho, eu já tinha comido o fubá. Quando você ia com o milho, eu já vinha com a pipoca.
3. Linguagem Popular – do livro <i>Sertão Alegre</i> (1928)	
Atubar – apoquentar.. Ex.: Vá atubar o diabo com reza...	Encher o saco; Apoquentar; Apurrinhar.
Baiacu – indivíduo baixo e gordo.	Baleia.

Expressões registradas por Leonardo Mota	Variantes registradas pelos informantes
Cabiçulinha – nome de um brinquedo infantil; bila.	Bila; Cabiçulinha; Bola de gude.
De papoco – locução que dá ideia avantajada. Ex.: Festa de papoco.	É o que há; Bom pra caramba; Da hora; De arromba; Top; Massa.
Ensebar as canelas – fugir.	Capar o gato; Pegar o beco; Sebo nas canelas; Pernas pra que te quero; Picar a mula.
Ir pro caritó – não casar, ficar titia.	Ficar pra titia. Encalhada.
Passar por baixo da mesa – chegar tarde para uma refeição.	Ficar na cheirosa; Ficar chupando o dedo.
Quem nasceu pra derréis não chega a vintém – pobreza é destino.	Quem nasceu na lama, nela viverá.
4. Filosofia Popular – do livro <i>No Tempo de Lampião</i> (1930)	
Água fria não escalda pirão.	Gato escaldado não tem medo de água fria;
Adular não é meio de vida, mas ajuda a viver.	Babar ajuda a viver.
Boca calada é remédio.	Em boca calada não entra mosca. Boca fechada não entra mosquito.
Em briga de irmão não se dá opinião.	Em briga de marido e mulher não se mete a colher. Em briga de família, ninguém se mete.
Muito luxo, pouco bucho.	Viva o luxo, morra o bucho.
Pote velho é que esfria água.	Panela velha é que faz comida boa.
5. Silva de Ditados – do livro <i>No Tempo de Lampião</i> (1930)	
Debaixo desse angu tem torresmo.	Debaixo desse angu tem caroço. Onde há fumaça, há fogo. Nessa mata tem cachorro.
Galinha velha é que dá bom caldo.	Panela velha é que faz comida boa
Mulher de bigode não é pagode.	Com mulher de bigode nem o diabo pode; Com mulher de bigode, nenhum homem pode.
Quem está de coca papoca.	Quem muito abaixa, o fundo mostra.
6. Apelidos Sertanejos – do livro <i>No Tempo de Lampião</i> (1930).	
Barriga de soro azedo – menino barrigudo.	Menino do buchão. Bucho quebrado.
Boca de biquara – mulher de lábios muito pintados.	Boca de peixe.
Bunda de tanajura – menino de ancas roliças.	Bundão.
Cabeça de bater sola – que tem a cabeça achatada.	Cabeça de caixa d'água. Cabeça de jerimum.
Pega-siri – que usa calças curtas.	Pega marreco; Pega frango. Caçando marreco.
Saca de lã – mulher corpulenta.	Bolo fofo; Pão zero; Saca de coco.
Sobrancelhas de caboré – que tem sobrancelhas espessas.	Sobrancelhas de taturana; Sabrancelhas de caboré;

Expressões registradas por Leonardo Mota	Variantes registradas pelos informantes
Tronco de amarrar onça – indivíduo baixo e corpulento.	Toco de amarrar jegue; Nanico.
Cambito de sabiá – que tem pernas finas.	Perna de seriema; Perna de saracura; Caneta Bic. Pernas de sibite.
7. Comparações Matutas – do livro <i>No Tempo de Lampião</i> (1930)	
Apanhar que nem couro de pisar tabaco.	Apanhar igual galinha pra tirar o choco; Apanhar que só boi ladrão.
Apertado que só um pinto no ovo.	Apertado que só lata de sardinha.
Depressa como quem furta.	Ligeirinho como quem rouba. 2
Furado que nem renda de papelão.	Furado que nem tábua de pirulito.
Sono leve como o do xexéu.	Sono de teteu; Sono de piaba.

A expressão “A cavalo dado não se abre a boca” não é conhecida na capital cearense, mas “A cavalo dado não se olha os dentes”. Outra expressão “Galinha velha é que dá bom caldo”, é conhecida e usada como “Panela velha é que faz comida boa”. Em “Mulher de bigode não é pagode”, é conhecida e usada como “Com mulher de bigode nem o diabo pode”. Expressões como: “Quando você ia pros cajus, eu já vinha das castanhas”, apresentou variantes do tipo “Quando você ia com a farinha, eu voltava com o bolo”; “Quando você ia com o fubá, eu já voltava com o angu”; “Quando você ia com o milho, eu já tinha comido o fubá”; “Quando você ia com o milho, eu já vinha com a pipoca”, que se equivalem no sentido de não ser novidade. Na linguagem dos mais jovens, a expressão “De papoco” – locução que dá ideia avantajada. Ex.: Festa de papoco, apesar da convivência com os mais idosos a preferência de uso é pela equivalente de sentido: É o que há; Bom pra caramba; Da hora; De arromba; Top; Massa.

No Quadro 2, encontram-se os resultados obtidos através do questionário:

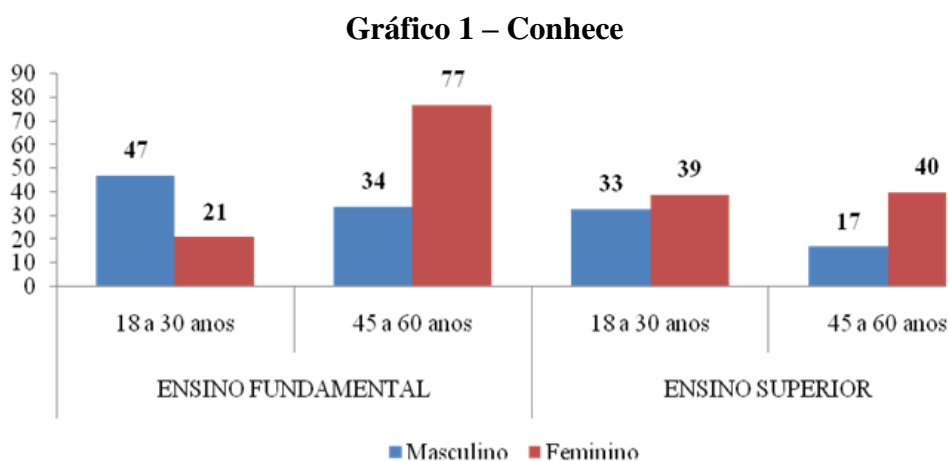
Quadro 2 – Resultados obtidos

Expressões	Ensino Fundamental				Ensino Superior			
	Faixa I		Faixa II		Faixa I		Faixa II	
	H	M	H	M	H	M	H	M
C	47	21	34	77	33	39	17	40
CNU	39	40	46	24	20	27	38	49
NC	54	79	60	39	87	74	85	51
Total	140	140	140	140	140	140	140	140

Legenda: C (Conhece); CNU (Conhece e não usa); NC (Não conhece); H (Homem); M (Mulher).

Os dados apresentados no Quadro 2 refletem a preferência dos informantes em termos de uso das variantes documentadas. Assim, com base nesses dados foi possível perceber, além da distribuição, aspectos da dinamicidade do léxico, fenômeno responsável pelo surgimento de novas lexias, pelo uso de outras já conhecidas e pelo desaparecimento de outras lexias de uso cotidiano.

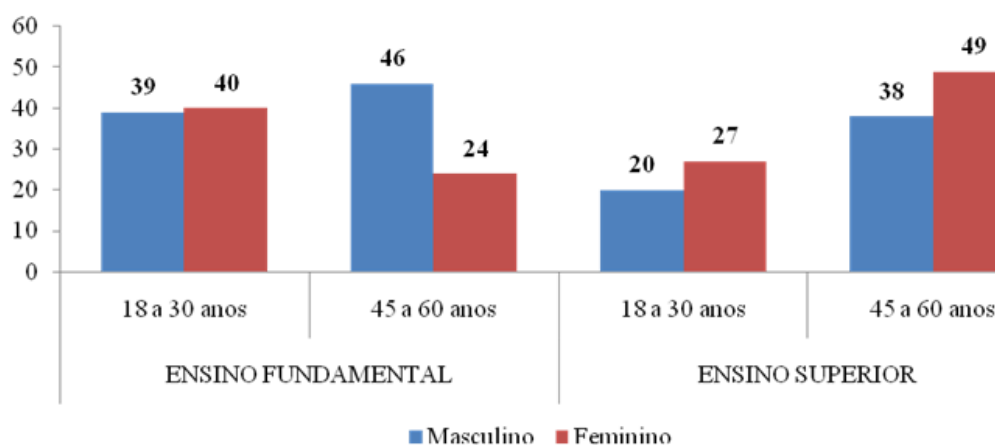
Conforme o Gráfico 1, observou-se que tanto a mulher com Ensino Fundamental, da faixa etária II, como a com Ensino Superior, da mesma faixa etária, conhecem e usam mais expressões do que o homem da mesma faixa etária e grau de escolaridade, conseqüentemente, conhece e não usa menos expressões do que o homem e não conhece menos, ou seja, o menor número.



No Ensino Fundamental, F (I), dá-se o inverso, o homem **conhece** e usa mais expressões, conseqüentemente, **conhece e não usa** menos e **não conhece** em número menor, uma vez que conhece e usa mais. No Ensino Fundamental, na F (II) e no Ensino Superior, nas duas faixas etárias, é a mulher que **conhece** e usa mais do que o homem.

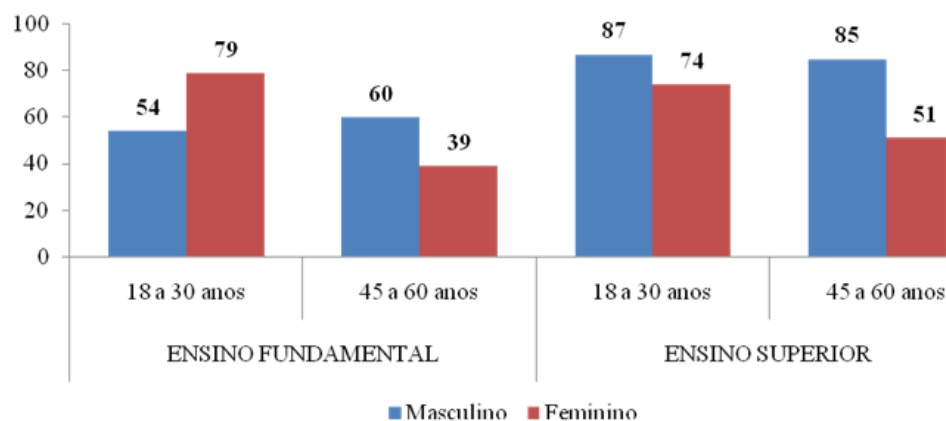
No Gráfico 2, observa-se que, apesar de a mulher conhecer mais as expressões registradas do que o homem, ela não as usa, excetuando-se a F (II) em que o homem extrapola no não uso.

Gráfico 2 – Conhece e não usa



No Gráfico 3, pode-se observar que somente na F (I), do Ensino Fundamental, a mulher **não conhece** mais do que o homem. Nos demais contextos, a mulher **não conhece** menos do que o homem. Daí porque, complementando o gráfico 1, a mulher **conhece** e usa mais do que o homem nos mesmos contextos.

Gráfico 3 – Não conhece



Considerações Finais

A análise das expressões registradas na obra *Adagiário Brasileiro* nos possibilitou a realização do levantamento e a descrição da diversidade do Português falado nessa região, segundo os princípios da Dialetologia pluridimensional.

À guisa de conclusão, o trabalho procurou mostrar que as lexias trazem na fala dos informantes, as marcas do contexto em que estão inseridos. O léxico visto como um conjunto de conhecimentos armazenados na memória social de uma comunidade de fala.

Os resultados nos revelam que as expressões retiradas da obra citada acima são conhecidas e usadas, principalmente, pelos cearenses da faixa etária II, acima dos 45 anos, que vivenciaram esse momento histórico. Enquanto isso, entre os informantes da faixa etária I, de 18 a 30 anos, a preferência é por lexis equivalentes às que chegaram a conhecer pelo contato com outras pessoas que usam tais expressões.

Enfim, a realização deste trabalho destacou a importância de que se revestem as pesquisas empíricas para o registro de variantes de um espaço geográfico, no caso, o da capital cearense. No dizer de Isquierdo (2001, p.91), “o estudo do léxico de uma região mostra dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo do grupo estudado”.

Referências

- BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Fortaleza: Divisão de Monografia do Banco do Nordeste do Brasil. S/A., 1991.
- _____. **Cantadores**. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1921.
- _____. **A padaria espiritual**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1939.
- _____. **Cabeças chatas**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1993.
- _____. **No tempo de Lampião**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1967.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. v. 1. p. 91-100.
- RECTOR, Mônica. **A linguagem da juventude**. Petrópolis: Vozes, 1975.